

AMAZÔNIA

A PÁGINA AINDA A ESCREVER DO GÊNESIS

Tea Frigerio
t_frigerio@hotmail.com

RESUMO: Textos Sagrados são os cantos, as poesias, os mitos dos povos amazônicos, assim como a Bíblia é o nosso Texto Sagrado. É a provocação que o texto nos convida a acolher. O Texto Sagrado nasce de constantes releituras da experiência fundante do povo de Israel. Releituras provocadas pelo contexto histórico, pela situação existencial que o povo vivia e que exigia uma constante atualização da Palavra. O momento histórico que estamos vivendo: o Sínodo para Amazônia nos convida acolher os Textos Sagrados dos povos indígenas e afrodescendentes, amazônidas, como Palavra que foi e está sendo escrita, abrir nossas mentes, nosso coração para a Palavra de Deus que somos convidados e convidadas a escutar, a escrever hoje a partir da Amazônia.

ABSTRACT: Sacred texts are the corners, the poetry, the myths of the Amazonian peoples, as well as the Bible is our sacred text. It is the provocation that the text invites us to host. The sacred text is born of constant re-interpretation of the founding experience of the people of Israel. Re-interpretation caused by historical context, the existential situation that the people lived and which required a constant up date of the Word. The historical context that we are living: the Synod for the Amazon invites us to welcome the sacred texts of the indigenous peoples and afro-descendants, amazônidas, as a Word that was and is being written to open our minds, our hearts to the Word of God, which we are invited to listen and to write today from the Amazon.

ESCUTAR ...

As palavras da musica *Perola azulada* de Zé Miguel, cantautor macapaense, me acompanham e inspiram enquanto penso como colocar em palavras minhas reflexões.

*Já aprendi voar dentro de você
 Ancorar no espaço ao sentir cansaço
 Ossos da jornada.
 Já aprendi viver como vive nu
 Um cacique arara cultivando aurora
 Luz de sua tiara.*

*Eu amo você terra minha amada
 Minha oca meu iglu, minha casa.
 Eu amo você pérola azulada conta
 No colar de Deus, pendurada.
 A benção minha mãe!*

*Já aprendi nadar em seu mar azul
 Adorar água, homem peixe, água
 Fonte iluminada.
 Já aprendi a ser parte de você
 Respeitar a vida em sua barriga
 Quantos mais vão aprender.*

*Terra, terra por mais distante o errante
 Navegante quem jamais te esqueceria.*

A música convida a silenciar para ouvir, escutar as palavras de um ancião zapoteco (CIMI, 2002, p. 56).

*Dizem que se vai a cultura dos índios,
 dela ninguém se interessa.
 Encontra-se já em ruína, dizem.
 A língua do meu povo.*

*A língua do meu povo
 a levará o diabo,
 pois agora falam tão só
 a língua dos vencedores.*

*Ab! cultura da minha raça,
 língua do meu povo!
 Quem te dá as costas não sabe
 A grandeza da herança materna.*

*Ab! cultura da minha raça,
 Língua do meu povo!
 Eu sei que desaparecerás
 o dia que desapareça o sol.*

São palavras profundamente tristes e ao mesmo tempo cheias de utopia, de sonho. Palavras que nos desafiam a escutá-las como Texto Sagrado para transformar a tristeza em esperança.

A experiência milenar dos Povos Amazônicos representa um caminho possível de convivência e inter-relação na casa comum. Os elementos e princípios dessa convivência são apresentados na letra da música *Cuidar da Terra* do grupo Imbaúba, composição dos músicos amazonenses Celdo Braga e Candinho, assim nos fala:

Nós somos parte da terra, a terra é parte de nós.

Um é a extensão do outro, nós não vivemos a sós.

O que falta para entender, coisa tão simples assim

Quando eu cuido do que é meu, estou cuidando de mim

Quando eu cuido do que é meu, estou cuidando de mim.

E preservar é tão simples, não requer tanta ciência

Basta respeito e cuidado, e um pouco de consciência.

Aí, tudo se resolve. Aí, a vida floresce.

Cada rio que eu deixo limpo, a natureza agradece.

Cada rio que eu deixo limpo, a natureza agradece.

Com muita sabedoria diziam nossos avós:

Se nós cuidarmos da terra, a terra cuida de nós.

Convite que nos desafia a perceber a centralidade do cuidado da oikos, da casa comum. Cuidar da casa comum implica em cuidar primeiramente uns dos outros, uma das outras numa atitude de respeito pela vida e pela dignidade de cada um/a e de todos/as simultaneamente. Princípio ancestral dos Povos Amazônicos: “*Nós somos parte da terra, a terra é parte de nós. Um é a extensão do outro, nós não vivemos a sós*”. A consciência da convivência na interdependência é o princípio do respeito e do cuidado: “*se nós cuidarmos da terra, a terra cuida de nós*” (REPAM, 2018, p. 15).

O cuidado da casa comum nos conduz a perceber a utopia da sociedade justa fraterna que conhecemos no Mito da Terra sem Males, presente na letra da música Guarani:

Oh, quero ouvir as serenatas, ver crescer as nossas matas

E tocar um violão.

*Ah, meu amigo, vem cantar, pois o dia vai raiar,
 E morar nesta canção.
 Ah, que saudades do poeta, do artista, do profeta,
 Que o tempo eternizou.
 Ah, como eu falei das flores, liberdade, beija-flores,
 Que meu coração sonhou.
 Ah, ver crianças pelas praças, paz e pipa, pão de graça,
 Como o cheiro de hortelã.
 Ah, água pura ali na fonte e a gente olhar os montes,
 Sem ter medo do amanhã.
 Ah, o meu lindo continente que fez do sangue a semente
 Para ver o sol nascer.
 Ah, nossas matas tão bonitas, verdes mares, canto a vida
 Quando o dia amanhecer.
 Ah, quanta luta na fronteira, tanta dor na cordilheira
 Que o condor não voou.
 Ah, dança e terra guaranis, de uma raça tão feliz
 Que o homem dizimou.
 Ah, vou nos passos de um menino,
 No meu coração latino
 A esperança tem lugar.
 Ah, quando bate a saudade, abre as asas liberdade
 Que não paro de cantar (CF 2006)*

Os cantos, as poesias acordam a memória palavras de Euclides da Cunha: “*Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis*”.

Ele lança um fio entre a Amazônia e o Gênesis nosso Texto Sagrado, como Texto Sagrado são os cantos e as poesias. O Texto Sagrado nasce de constantes releituras da experiência fundante do povo de Israel: a libertação da opressão do Egito. Releituras provocadas pelo contexto histórico, pela situação existencial que o povo vivia e que exigia uma constante atualização da Palavra, a fim de que falasse para os novos tempos.

Cada povo tem seus Textos Sagrados, seja na tradição oral ou escrita. Nós cristão herdamos nosso Texto Sagrado do Judaísmo, quanto ao Primeiro Testamento, quanto ao Segundo Testamento nasceu da tradição e reflexão teológica oral e depois escrita, das Primeiras Comunidades, sobre Jesus de Nazaré.

O texto bíblico nos faz pensar num tecido, numa grande colcha de retalhos tecida a partir de um retalho fundamental. Texto originário, texto fundante que tem um *padrão inicial* e com o tempo vai se alargando, enriquecendo. O *padrão inicial* inspira novos trançados, repetindo, inovando, introduzindo novos desenhos, símbolos. As tecelãs e os tecelões usam novos fios, novas cores. Às vezes prevalecem os tons escuros. Outras vezes, os tons luminosos, tons de desespero e de esperança. Tons que falam das experiências da vida: dor e paixão, crueldade e doação, opressão e liberdade, egoísmo e solidariedade, indiferença e luta, choro e alegria. Texto, tecido que articula a experiência da fé como resposta humana aos desafios históricos ou à interpelação divina na história.

Texto fundante que reconhecemos na acreditar em Deus libertador, semente que vai desabrochar e florescer, frutificar nas múltiplas experiências do povo ao longo da história. Luz que ilumina histórias antigas e as relê na variedade de nomes com que o povo vai identificar o Senhor, na experiência de Jesus de Nazaré e das Comunidades.

A rigor, esta experiência nos convida a ir além, pois o Deus do êxodo é libertador porque é o Deus da vida, o Deus presente na vida, é Deus-Vida. A Vida é o fio condutor. Voltando à imagem do texto-tecido, a vida é o *fio-cor* que perpassa toda trama do desenho, toda a colcha de retalhos. A *cor-vida* é o fio condutor de toda releitura, é o padrão que compõe o nosso Texto Sagrado.

Texto Sagrado que consideramos Palavra de Deus. Texto Sagrado que não é livro fechado, mas que se esparrama na história. Fonte que nos convida a escutar a Palavra de Deus no nosso cotidiano, na nossa história. Escuta que ilumina e alimenta criativamente nosso pensar, nosso agir, que nos torna capazes de reler e assim continuar a escrever o Texto Sagrado. A colcha de retalhos não está concluída, pois estamos ainda tecendo, estamos ainda escrevendo.

A Vida é o fio que perpassa todo o Texto Sagrado. A Vida é o trançado que compõe a trama da Amazônia. As florestas tropicais estão entre os mais antigos ecossistemas terrestres. Isso vale por excelência para a Amazônia onde a vida se manifesta nas cente-

nas, senão milhares de inter-relações entre as espécies, nos gratificando com sua explosão vital. A Amazônia tem a sua vocação nitidamente florestal. Por isso, temos que encará-la como fonte inesgotável de vida, luz, renascimento, regeneração e amor. Um milagre em cada amanhecer.

O momento histórico que estamos vivendo: o Sínodo para Amazônia vai ser estrela guia, que nos provoca a colocar-nos a caminho como se colocaram a caminho os sábios e sábias que viram no céu a estrela, perceberam o novo despontando no antigo (Mt 2,2).

As reflexões do Sínodo Especial superam o âmbito estritamente eclesial amazônico, por serem relevantes para a Igreja universal e para o futuro de todo o planeta. Partimos de um território específico, do qual se quer fazer uma ponte para outros biomas essenciais do nosso mundo: Bacia Fluvial do Congo, corredor biológico mesoamericano, florestas tropicais da Ásia Pacífica e Aquífero Guarani, entre outros (DPSA, 2018, p. 6).

SILENCIAR ...

Silenciar: no silêncio, criar as condições para aguçar a vista e perceber a cor-vida que do Texto Sagrado nos acena e nos convida a sermos tecelãs, tecelões. No silêncio, apurar os ouvidos para os sons que vão orientar nossas mãos no padrão antigo que se torna novo. No silêncio, purificar nosso sentir e, assim, perceber os cheiros que se desprendem e nos convidam a sair em busca, a nos tornar ousadas, ousados. Abrir nossas mentes, nosso coração para a Palavra de Deus que somos convidados/as a escrever hoje a partir da Amazônia.

- *Silenciar e sentir a brisa que sopra da floresta, o frescor que vem das águas, a pluriforme beleza que brota do ecossistema: Que mensagem nos é anunciada e chega até nós na brisa, na água, na beleza do ecossistema?*

E Fritjof Capra, em seu livro O Ponto de Mutação, afirma com palavras proféticas:

A nova visão da realidade [...] baseia-se na consciência do estado de inter-relações e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Esta nova visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais (CAPRA, 2000, p. 259).

O pensamento ecológico nos convida a pensar e viver a vida como rede de relações, rede que forma o ecossistema. Pensamento ecológico que é parte da elaboração de novos paradigmas de pensamento, entre eles a hermenêutica bíblica.

O pensamento ecológico tem desafiado a reler as primeiras páginas do nosso Texto Sagrado, Gênesis 1-3. Cientes que são releituras de mitos da criação dos povos entre os quais vivia o povo de Israel. Há nele dois relatos da criação, hoje há consenso que são reflexão de fé a partir de contextos existenciais de lugares e épocas diferentes.

Nós cristãos reconhecemos, e disto precisamos pedir perdão, que estes textos, sobretudo Gn 1,26-28, foram lidos e interpretados, na civilização ocidental, para legitimar e construção de uma mitologia do poder, dominação e exploração indiscriminada sobre a natureza. Gn 1-3, embora escritos em épocas diferentes (VI e X séculos), chegam a nós em continuidade um do outro. Isto aponta a necessidade de uma leitura própria para cada texto, mas também perceber que um é o complemento do outro, um esclarece o outro. Gênesis 1,28 apresenta os verbos *kabash* (pisar na terra, subjugar), *radah* (dominar), por sua vez, Gênesis 2,15 nos fala que o ser humano deve *'abad* (cultivar) e *shamar* (guardar o solo). Pisar na terra, cuidar, cultivar o solo para vida se multiplicar e ser fecunda é a vocação humana inscrita nestes textos.

Abraham Heschel escrever:

Não se pode construir outra imagem do Todo-poderoso além desta: nossa própria vida como representação de Sua vontade. Homem e Mulher, criados à Sua imagem, devem imitar Sua misericórdia. Ele delegou à humanidade o poder de agir em Seu lugar. Somos seus representantes quando aliviarmos o sofrimento e trazemos alegria.” (BRENNER, 2000, p. 36).

Parafrazeando ousou escrever: *o Todo-amoroso nos criou Mulher e Homem, à Sua imagem e semelhança, para sermos no universo a continuação de Sua presença criadora e fecunda, para cultivar e cuidar da vida.*

Em sua Carta aos Romanos, Paulo associa a humanidade ao gemido que sai da terra cativa. Anima-nos ao dizer que, ao nosso gemido, o Espírito vem em socorro, pois não sabemos escutar os gemidos que sobem do universo, não sabemos gemer (Rm 8,18-27). Palavras que nos convidam a deixar-nos levar pela Divina Ruah, que une seu gemido ao nosso; acolher os novos paradigmas que estão sendo elaborados, e por eles iluminadas reler nosso Texto Sagrado. Deixar-nos conduzir pela Divina Ruah, que faz seu o nosso gemido e o da natureza, permitir que nos leve ao encontro das pessoas, cristãs e não cristãs que estão nesse caminho, entrelaçar nosso agir e responder às interpelações na história hoje. A Divina Ruah faça penetrar em nós o gemido da natureza que anseia por libertação e, o universo libertado, será a *oikos*, casa comum de todos os seres vivos e do próprio Deus.

- *Silenciar e ouvir o canto dos povos amazônicos, povos remanescentes, povos ressurgentes: O que estes povos estão cantando?*

Gerd Theissen em seu livro *a La Religione dei primi cristiani – Uma teoria sul cristianismo delle origini*, se interroga a respeito da particularidade do sistema de sinais na religião. Responde dizendo que é uma combinação de três formas de expressão, que se interligam: mito – rito – ethos. A partir da análise de cada elemento, desenvolve e aponta como o Movimento de Jesus se tornou Religião Cristã (THEISSEN, 2004, p. 16)

Quero ressaltar isso porque não podemos ler a Bíblia a partir da Amazônia, olvidando esta realidade tão entranhada na vida dos povos indígenas. A Bíblia, nosso Texto Sagrado, está também entranhada de mitos, ritos, ethos.

Os povos Tupi, em geral, e os Guarani, em particular, têm como elemento forte de sua teologia a superação do sofrimento pela conquista da “terra sem males”. Entre os vários mitos, destaca-se

este, dos Guaranis Apapocuva, recolhido por Curt Nimuendaju, no início do século XX (CF 2002).

No livro do Gênesis, encontramos também relatos que nos falam de um jardim de harmonia plena, de águas que tudo submergem e de um sinal no céu como memória de uma aliança entre Deus e os seres vivos que habitam a terra.

Vamos lê-los em paralelo, percebendo os pontos de encontro e as peculiaridades de cada relato.

TERRA SEM MALES	GÊNESIS 6,5 – 9,17
<p><i>O grande Pai quer acabar com a terra a causa da maldade:</i> Quando Nhandervuçu (nosso grande Pai) resolveu acabar com a terra, devido à maldade dos homens ...</p>	<p><i>Deus tem uma atitude semelhante vendo a maldade humana:</i> Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra ... farei desaparecer ... (Gn 6,5-7).</p>
<p><i>Alguém merece ser avisado do que vai acontecer:</i> Avisou antecipadamente Guiraypoty, o grande pajé, e mandou que dançasse. Este lhe obedeceu, passando toda noite em danças rituais. E quando Guiraypoty terminou de dançar, Nhandervuçu retirou um dos esteios que sustenta a terra, provocando um incêndio devastador.</p>	<p><i>Noé encontra graça e Deus lhe comunica seu propósito:</i> Mas Noé encontrou graça aos olhos de Iahweh... Deus disse a Noé: “chegou o fim de toda carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa do homem, e eu os farei desaparecer...” (Gn 6,8-13).</p>
<p><i>Guiraypoty se coloca a salvo com a família:</i> Guiraypoty, para fugir do perigo, partiu com sua família, para o Leste, em direção ao mar. Tão rápida foi a fuga, que não teve tempo de plantar e nem de colher mandioca. Todos teriam morrido de fome, se não fosse seu grande poder que fez com que o alimento surgisse durante a viagem.</p>	<p><i>Da mesma forma Noé coloca-se em salvo com sua família:</i> Noé, com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, entraram na arca para escapar das águas do dilúvio. Passados sete dias chegaram as águas do dilúvio sobre a terra ... Quanto a ti reúne todo tipo de alimento e armazena-o; isto servirá de alimento para ti e para eles (Gn 7,1-9; 6,21).</p>
<p><i>Guiraypoty constrói uma casa para resistir às águas:</i> Quando alcançaram o litoral, seu primeiro cuidado foi construir uma casa de tábuas, para que quando viessem as águas ela pudesse resistir. Terminada a construção, retomaram a dança e o canto.</p>	<p><i>Deus ordena a Noé de construir a arca, Dando a maquete:</i> Faze uma arca de madeira resinosa; tu a farás de caniços e a calafetarás com betume por dentro e por fora ... Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos (Gn 6,14-16).</p>

<p><i>Há uma grande inundação:</i> O perigo tornava-se cada vez mais iminente, pois o mar, como que para apagar o grande incêndio, ia engolindo toda a terra. Quando mais subiam as águas, mais Guiraypoty e sua família dançavam.</p>	<p><i>O dilúvio:</i> Passados 7 dias chegaram as águas do dilúvio a terra ... Nesse dia, jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu. A chuva caiu sobre a terra durante 40 dias e 40 noites (Gn 7,10-24).</p>
<p><i>Guiraypoty tem medo, a mulher o incentiva à esperança:</i> E para não serem tragados pela água, subiram no telhado da casa. Guiraypoty chorou, pois teve medo, mas sua mulher lhe falou: - Se tens medo, meu pai, abre teus braços para que os pássaros que estão passando possam pousar. Se eles sentarem em teu corpo, pede para nos levar para o alto. E mesmo em cima da casa, a mulher continuou batendo a taquara, ritmadamente, contra o esteio da casa, enquanto as águas subiam.</p>	<p><i>No relato do Gênesis não tem correspondente</i></p>
<p><i>A casa flutua:</i> Guiraypoty entoou então, o canto solene guarani. Quando iam ser tragados pela água, a casa se moveu, girou, flutuou, subiu ...</p>	<p><i>A arca flutua:</i> Durante quarenta dias houve o dilúvio sobre a terra; cresceram as águas e ergueram a arca, que ficou elevada acima da terra. As águas subiram muito sobre a terra e a arca flutuava sobre as águas (Gn 7,17-24).</p>
<p><i>Nasce dessa experiência o mito da terra sem males:</i> ... subiu até chegar à porta do céu, onde ficaram morando. Esse lugar para onde foram chama-se Yvy marã ei (a "terra sem males"). Aí as plantas nascem por si próprias, a mandioca já vem transformada em farinha e a caça chega morta aos pés dos caçadores. As pessoas nesse lugar não envelhecem e nem morrem e aí não há sofrimento.</p>	<p><i>Uma nova aliança é vivenciada no sinal do arco-íris:</i> Deus lembrou-se então de Noé e de todas as feras e de todos os animais domésticos que estavam com ele na arca. Deus fez passar um vento sobre a terra e as águas baixaram... Então assim Deus falou a Noé: "Sai da arca ... Enquanto durar a terra, sementeira e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite não hão de faltar ... Eis o sinal de aliança que instituo entre mim e vós e todos os seres vivos que estão convosco, para todas as gerações futuras: porei o meu arco na nuvem e ele se tornará um sinal de aliança entre mim e a terra. Quando o arco estiver na nuvem, eu o verei e me lembrarei da aliança eterna que há entre Deus e os seres vivos com toda carne que existe sobre a terra" (Gn 8,1.15-16.22; 9,9-16)</p>

Cada relato tem sua própria peculiaridade, mas a fonte de onde jorraram é a mesma: encontrar respostas às perguntas dos grupos humanos sobre seu destino, seu sofrimento, a inimizade existente entre as pessoas, das pessoas com a casa comum e com o transcendente. As pessoas buscam o porquê de sua vida, das relações, do seu comportamento. Na busca, as respostas são similares, mas revelam sua percepção peculiar do universo, dos/das outros/outras, do transcendente.

Percebemos, no relato indígena, acentuações ligadas à cosmovisão destes povos: a pessoa humana é integrada no universo. A música, o canto, a dança, expressam a relação entre a realidade humana e a transcendência.

O Ser divino comunica seu desígnio de castigo, deixando à criatividade humana encontrar seu caminho, suas saídas. A única ordem que o grande pajé recebe é dançar. Dançar é encontrar seu centro vital, é abrir seu canal de comunhão com a mãe terra, com a transcendência. Abrir-se ao mistério para se abrir à comunhão mística com as forças vitais.

A música, a dança e o canto ritual permeiam todo o relato. As mãos marcando o ritmo. Os pés batendo, acariciando, tocando, mantendo contato com as forças vitais da terra. A voz seduzindo, invocando, suplicando, pedindo, subindo, tecendo laços com as forças vitais do céu.

Nhanderuvuçu, deslocando um esteio, provoca o fogo que origina a busca de salvação. No castigo, brota a solidariedade. Há solidariedade na fuga rumo ao mar, lá onde as águas podem deter o incêndio. Solidariedade no novo perigo que vem das águas. Solidariedade na procura de alimento, solidariedade no medo. Solidariedade com a natureza, com os pássaros.

No perigo, Guiraypoty tem medo e chora. O socorro vem da boca da mulher que profere palavras de consolo, conselho e resistência. Convida o marido a abrir-se à natureza, abraçar a natureza, alargar os braços, oferecer abrigo aos pássaros. Estes, ajudados, poderiam ajudá-los, salvá-los. Ao levantar voo, levam-nos a um lugar seguro, salvando-os.

Enfim, a comunhão dos seres vivos com os seres da natureza faz flutuar até alcançar as portas do céu: plenitude de vida.

No relato judeu-cristão, sobressaem outros elementos. O grande protagonista da narração é Deus. Ele comunica seu desprazer, castigo, desígnio de eleição. Deus ordena ao seu escolhido Noé, considerado justo, o que fazer, como e quando realizar seu comando. Predomina a palavra, tudo acontece pela palavra de Deus. Noé e sua família obedecem à palavra-ação de Deus. A natureza obedece à vontade divina: abre as comportas do céu durante quarenta dias e quarenta noites.

Noé, sua mulher, os filhos e suas mulheres em nenhum momento falam, expressam sentimentos. Mesmo nos dois momentos, em que Noé toma a iniciativa na ação, não escutamos sua voz. O vento de Deus faz baixar as águas, e Noé abre a janela, soltando a pomba. Quando Deus ordena, Noé e sua família saem da arca. Ao sair, constrói um altar e oferece um sacrifício, que propicia a divindade, movendo-a a realizar uma nova aliança.

O altar e o sacrifício são mediações entre a família de Noé e o Divino. A música, o canto, a dança são mediações entre a família de Guiraypoty e o Divino.

O arco no céu é o sinal da aliança, aliança ecológica, diríamos nós hoje, sinal da relação entre Deus, a terra e os seres vivos que nela habitam. No mito da Terra Sem Males, a fartura é o sinal de aliança da nova relação entre o povo e o divino.

Percebemos aqui uma diferença fundamental nos dois relatos. No relato bíblico, a aliança é proclamada pela palavra seguida pelo sinal. No relato guarani, a fartura é o sinal que não precisa de palavra, pois fala por si.

Nos dois relatos, a catástrofe acontece pela maldade humana, atingindo todo o universo. Há solidariedade no castigo, há solidariedade na utopia. A salvação da natureza e da humanidade é mediada por uma família.

A utopia expressa no mito da Terra Sem Males faz ecoar em nós a utopia alimentada em Isaías e no livro do Apocalipse:

“Vi então um céu novo e uma terra nova ... Ele enxugará toda lágrima dos olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto e nem dor ... Há árvores da vida que frutificam doze vezes, dando frutos a cada mês; e suas folhas servem para curar as nações ...”
(Ap 21,1-22,5; Is 65,17-25).

Sintonia de palavras, sintonia na esperança de vida plena, pois este é anseio da humanidade de todos os lugares e todos os tempos.

- *Silenciar e escutar a voz do povo amazônida, povo nascido de uma história sofrida, povo da terra, povo dos rios: O que o povo amazônida está nos falando?*

Falar do povo amazônida (1), que povo? Hoje, o povo amazônida é a mistura de muitos grupos: indígenas, afrodescendentes, nordestinos, agroextrativistas, ribeirinhos, posseiros, colonos e migrante, populações urbanas. A história da colonização, da ocupação da Amazônia, fala-nos disso. História que deve ainda ser escrita, pois até agora foi escrita a partir do colonizador.

Amazônia: um lugar de descobertas e revelações. A sabedoria milenar acumulada na vivência dos povos tradicionais da floresta que se manifesta em suas atitudes éticas de respeito e admiração pelos seres da natureza. A tradição cultural dos povos amazônicos nos ensina que a terra não é um bem de especulação que possa ser vendida ou trocada (Lv 25,23). Os povos indígenas que lutam pela demarcação de seus territórios, os remanescentes de quilombos que reivindicam o reconhecimento da posse de suas terras, os agroextrativistas que estabelecem normas de uso dos recursos naturais reafirmam que a terra não é um bem negociável, mas fonte de vida.

Na América Latina existe, há diversos anos, o esforço de reler a História do Povo de Israel não a partir dos projetos hegemônicos, mas a partir dos projetos de resistência. Reler a formação do povo a partir dos grupos que estão na origem do Povo de Israel e iluminar as origens, a formação do povo amazônico. Reler o exílio a partir dos grupos que nestas terras viveram e vivem seu

exílio. Exílio, experimentado como sendo exilado na própria terra e como caminho e busca de vida. Rer o pós-exílio a partir dos projetos de reconstrução, não do projeto vencedor, emergente, mas a partir dos grupos que resistiram e resistem com projetos alternativos do bem viver. Projetos de preservação dos rios, da terra e da floresta, do potencial genético. Rer Jesus de Nazaré, seu Movimento, as Primeiras comunidades, como proposta e experiência de espaços alternativos onde era e é possível experimentar e propor novas relações, num mundo, numa religião às vezes excludente.

Há anos, vem-se fazendo isso. Mas, quem sabe, precisamos assumir esta hermenêutica bíblica como comunidade cristã, na formação nos seminários, em fidelidade a Jesus de Nazaré, ao povo amazônica.

- *Silenciar e perceber os cheiros que emanam das cidades antigas e novas, das periferias: Estes cheiros o que revelam?*

A realidade amazônica não é mais somente floresta, rio, hoje é cidade, é urbana. As cidades, com suas periferias são para as comunidades cristãs, hoje o grande desafio. Sempre mais escutamos vozes afirmar que o futuro é do mundo urbanizado.

As CEBs nasceram e desabrocharam no mundo rural. Ainda estamos num processo doloroso de busca: como enxertar esta experiência na realidade urbana?

A Teologia da Libertação, a Leitura Popular da Bíblia e outras instâncias bíblicas tiveram como um dos paradigmas para ler o Texto Bíblico o conflito Campo X Cidade. A exegese e a hermenêutica, seja do Primeiro como do Segundo Testamento à luz deste conflito tornam a cidade o lugar da opressão, exclusão, enfim símbolo de tudo que é mau.

Dissemos no início desta reflexão, que o contexto é o ponto de partida de toda reflexão bíblica. Então os cheiros que sobem da cidade devem contextualizar nossa exegese, nossa hermenêutica. Na cidade não há somente cheiros desagradáveis, há também

perfumes. Lá onde tem homens e mulheres vivendo tecendo relações há cheiros desagradáveis e perfumes.

Temos à frente um labor sem igual, pois se faz necessário uma conversão profunda. Mais do que nunca tomar consciência que não podemos nos isolar, mas misturar-se, embebedar-se destes cheiros, até que entranhados/as e com as vísceras se contorcendo sintamos o perfume, a brisa leve e farejando ir atrás, capengando, errando, dando voltas até que encontrar a ruela certa. Nesta tarefa, talvez possamos ter como companheiro o apóstolo Paulo. Paulo libertado dos moralismos doutrinários. Paulo cidadão e amante da cidade, pois fez das polis greco-romanas seu chão evangelizador.

- *Silenciar, tirar as sandálias, pois estamos pisando em terra sagrada, o chão da religiosidade popular, povo místico que resistiu e resiste: Que fé este povo místico nos transmite?*

“Tira as sandálias dos pés porque o lugar em que pisas, é terra santa” (Ex 3,5). Tirar as sandálias dos pés, pois estamos pisando em lugar sagrado, a terra mística de um povo místico.

É interessante notar alguns elementos: Moisés está na labuta cotidiana, o pastoreio. Desconhece que o chão da tarefa cotidiana é chão sagrado. Então os sentidos se abrem como que misteriosamente. Os olhos veem. O ver suscita curiosidade, querer conhecer. O ver coloca em movimento seus pés. O corpo todo responde a estes estímulos. Sair do caminho traçado, se aproximar para ver de perto, para conhecer. E, acontece o encontro: quem vê é visto e, principia um diálogo que dos olhos alcança todos os outros sentidos até chegar ao conhecimento, ao coração. No encontro, no diálogo a revelação: a terra do cotidiano é lugar sagrado.

Sair do traçado, enveredar por caminhos desconhecidos, ir ao encontro, conhecer de perto, o corpo todo empenhado nesta busca. Quem sabe seja o caminho que necessitamos percorrer para chegar ao coração desta terra mística, deste povo místico.

Na região amazônica onde água e céu se encontram; onde o verde da mata se confunde com o azul do céu; onde a vida é marcada pelo ritmo da maré; onde, apesar da tecnologia, as pessoas ainda se integram com a natureza; onde a tradição indígena, negra, lusitana, nordestina deixaram uma marca profunda; onde os espíritos, os encantados, os encostados, o saci-pererê, a matinta pereira e o boto são realidades vivas para o povo.

A relação mística que o povo indígena tem com a natureza. A relação mística que o ribeirinho tem com o rio, as marés... A relação mística que o agricultor tem com o solo. A relação mística que as mulheres têm com a vida. A relação mística... Deixo vocês continuarem esta ladainha.

E, aqui, sinto a proximidade que o povo tem com o transcendente, proximidade com o povo bíblico. Agar chama Deus de *El Roi – Vejo ainda aqui, depois daquele que me vê*. Proclama seu credo no lugar aonde Deus veio ao seu encontro (Gn 16,13-14). Raquel e Lia que fazem teologia nos filhos e na filha que dão à luz escrevendo neles nomes de Deus: dar à luz se torna experiência mística (Gn 29,31-30,24). Lugares que recebem nomes, memória da experiência com o Divino. Experiências de um Deus que se manifesta sempre em novidade. Nomes que revelam Deus Rocha, Pastor, Pai, Libertador, Redentor, Mãe, Esposo, Parteira (Sl 92,16; Sl 23 Ex 15,21; Is 44,24; Is 49,14-16; Is 62,4-5; Jo 38,28-29). Experiência de Deus que brota do vivido.

Jesus de Nazaré é filho desta experiência mística, deste povo místico. Ao se encarnar, ao colocar sua tenda em nosso meio nos convida a colocar-nos à escola do povo. Sair para ir ver, para conhecer de perto, para se aproximar e descobrir o sagrado no cotidiano, nos corpos, na natureza, nas expressões religiosas do povo, nomear o Divino nas experiências cotidianas.

Quem sabe aqui na Amazônia consigamos realizar o impossível: a convivência da ritualidade oficial com a ritualidade diversificada do povo amazônica.

- *Silenciar, ver, escutar, descer, conhecer para escrever uma nova página ...*

A Amazônia através do Sínodo, mais de que nunca veio à ribalta: falada, conhecida, discutida ... será vivida? Continuará a ser mais mito do que realidade?

Faz-se necessário buscar o significado mítico das águas, florestas, herança da cultura regional e fonte de vida. Interpretar a natureza amazônica agradecendo sua generosa e exuberante beleza e todos os recursos que ela nos oferece: remédios, folhas, raízes, frutas, madeiras, alimentos, beleza a ser mantida, cultura a ser preservada. Estabelecer uma relação amorosa, afetiva que transmita nosso desejo que ela continue existindo através de ações concretas no nosso cotidiano. Convocando outras pessoas para que se juntem a nós na defesa da Amazônia.

Confessar nossa ignorância perante esta explosão de vida e a sua complexidade e enxerga-la como fonte de prazer, vida, felicidade, alegria. Ser humildes, pedir perdão por tanto desconhecimento, ingratidão e maldade, querer mudar. Adotar uma atitude de reconhecimento, gratidão e compromisso com a manutenção com o fio da vida. Protestando contra os verdes que estão sendo mortos, contra os criminosos que ateam fogo na mata, poluem os rios e lagos, exterminam a fauna e matam seus legítimos filhos e filhas.

A Amazônia nos fala de uma realidade que ultrapassa os limites do Brasil, do Continente Latino-Americano. Sentirmos cidadão e cidadãs planetárias desafiadas a aprender, buscar alternativas para fazer renascer constantemente a vida. Vida que renasce das cinzas que viram adubo fertilizando a terra.

O ser humano e a terra são casados. Formam um único e indissolúvel casamento. Rompido esse casamento, as pessoas tomam num exílio feito de poeira amarga e estéril. Que este não seja o nosso futuro.

A fantástica biodiversidade da Amazônia nos leva a transformar os 'ais' em 'benditos' com as palavras do salmo:

*Bendize ao Senhor
que faz brotar fontes de águas,
elas correm e dão de beber a todos os animais;
regam montes e planícies, a terra se sacia dando fruto.
Fazes brotar relva para o rebanho,
plantas úteis para o povo,
que da terra tira seu pão.*

*Nas árvores frondosas os pássaros se aninham
alegrando o universo com seu canto.*

*Bendize ao Senhor
que fez a lua para marcar o ritmo do tempo,
o sol para iluminar e fecundar a terra.*

*Quão bela é tua obra Senhor,
a terra está repleta da tua sabedoria.*

*Louvem ao Senhor, sol e lua
águas, plantas, animais.*

*Homens e mulheres louvem
celebrem o Deus na vida.*

(Salmo 104,1.10-17; 149,3)

PARA REFLETIR

- O paradigma ecoteológico nos desafia a ousar repensar a vida missionária religiosa hoje: Como ressoa em nós essa afirmação? É possível isso? Exemplifiquem.
- “Nós somos parte da terra, a terra é parte de nós”. Palavras que revelam profunda comunhão com a mãe terra: Provocam-nos a avaliar nossa espiritualidade, ritualidade, pastoral?
- Família, teia de relações são conceitos sinônimos: vivemos e testemunhamos as relações comunitárias como teia de relações fraternas?
- Ousaremos ressignificar a vida de votos como profecia no atual modelo econômico-político-social-religioso?

NOTAS

1. Para superar o termo ‘caboclo’ que tem colorido de menosprezo usa-se o termo ‘amazônida’: pessoa que vive na Amazônia fruto da confluência de sujeitos sociais distintos, ameríndios da várzea e/ou terra firme, negros, nordestinos e europeus de diversas nacionalidades que inauguram novas e singulares formas de organização social nos trópicos amazônicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA. *Documento preparatório do Sínodo para Amazônia*. Amazônia: novos caminhos para Igreja e para uma ecologia integral. 2018. Disponível em: < <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-preparatorio.html>>. Acesso: 18/03/2019.

BRENNER, Athalia. *Gênesis, A partir de uma leitura de gênero*. Paulinas: São Paulo 2000.

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente, São Paulo: Cultrix, 2000.

CIMI. *A Terra Sem Males em construção*. IV Encontro de Teologia Índia. Belém: Mensageiro, 2002.

CROATTO, Severino. A vida e a natureza em perspectiva bíblica. Apontamentos para uma leitura ecológica da Bíblia. *Revista de interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 21, 1995/2, p. 42-49.

MEIRELLES FILHO, João Carlos. *O livro de Ouro da Amazônia*. Mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

RAIMER, Aroldo. *Toda a Criação*. Bíblia e Ecologia. São Leopoldo: OIKOS, 2006.

THEISSEN, Gerd. *La Religione dei Primi Cristiani*. Una teoria sul cristianismo delle origini. Torino, 2004.